

**IV CONGRESSO ADLEI**  
***Região de Leiria: inovação e oportunidades***

**20 e 21 de Abril de 2007**

**Secção: SOCIEDADE, CULTURA E INOVAÇÃO**

**PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO**

**Título: A Casa-Museu Afonso Lopes Vieira em S. Pedro de Moel: a cultura como serviço?**

Autor(es): **Cristina Nobre.**

**Doutorada em Literatura Portuguesa com a tese:** Nobre, C. (2005), *Afonso Lopes Vieira – A Reescrita de Portugal*, vol. I e *Inéditos*, vol. II, INCM, Lisboa.

**Prof.ª Adjunta do departamento de Línguas e Literaturas da ESEL /IPL.**

[cnobre@esel.ipleiria.pt](mailto:cnobre@esel.ipleiria.pt)

**RESUMO**

Em Julho de 2005, abriu ao público a Casa-Museu Afonso Lopes Vieira, em S. Pedro de Moel, numa clara valorização do património material da região de Leiria, criando um novo itinerário turístico patrimonial na região.

A presente comunicação procura dar conta do trajecto pioneiro de Afonso Lopes Vieira no reconhecimento das potencialidades patrimoniais e turísticas da região de Leiria, reflectindo sobre o modo como tem sido aproveitado no Turismo Cultural da actualidade.

A interrogação presente no subtítulo – *a cultura como serviço?* – pretende servir de guia de reflexão sobre o papel desempenhado pela cultura e pelo património ao serviço da sociedade.

**Palavras-chave**

Afonso Lopes Vieira; Casa-Museu Afonso Lopes Vieira (S. Pedro de Moel); Lugar literário; Guia de Portugal; Património turístico da região de Leiria.

**Nota:** A presente comunicação retoma e repete, em larga medida, a minha anterior comunicação *Alvorecer do turismo cultural na primeira metade do século XX: Afonso Lopes Vieira e a valorização do património da região de Leiria*, no âmbito do Congresso de Turismo Cultural, Territórios e Identidades, em 29 e 30 de Nov. 2006, na ESEL do IPLeiria.

## A Casa-Museu Afonso Lopes Vieira em S. Pedro de Moel: a cultura como serviço?

### 1. A Casa-Museu Afonso Lopes Vieira: a reconstrução de um sonho



Figura 1 – Afonso Lopes Vieira na varanda da sua Casa (agora Casa-Museu), em S. Pedro de Moel.  
Fotografia do espólio da BMLALV, não datada [c. 1920].

S. Pedro de Moel está destinado a um futuro excepcional como estância de higiene, digamos *espiritual*; é a praia sem vento, ao abrigo das dunas mais altas da Europa (a da Agueira é até a mais alta), biombos vegetais de mais de 100m de altitude que criam junto ao mar uma atmosfera *extática*, perfumada de sais marinhos e resinas aromáticas, como na região celeberrima de Arcachon, aliás de dunas mais baixas. [...]  
São muitos os meus versos enleados às terras marinhas de Moel, a começar pelos que desenvolvem o tema do *verde pinho*, cantado belamente por Dom Denis, e que eu tive a honra de fazer conhecer pela primeira vez ao nosso público; e, entre eles, a composição dominante intitula-se precisamente *Pinhal do Rei*, nos quais busquei exprimir o destino atlântico da floresta iniciadora e, com o dela, o da própria terra de Portugal.

Afonso Lopes Vieira, "Passeio nas Minhas Terras"(1940), *Nova demanda do Graal*, 1942: 245 e 248-9.

A abertura da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira [ALV] ao público, em 8 de Julho de 2005, correspondeu à realização de um sonho muito antigo por parte de toda a população do concelho da Marinha Grande.

Em 1939, Lopes Vieira tinha tornado pública a sua decisão de legar a sua Casa de S. Pedro de Moel para sanatório dos filhos dos trabalhadores das Matas Nacionais, Bombeiros, Pescadores e Operários Vidreiros da Marinha Grande, e a sua Biblioteca à cidade de Leiria<sup>1</sup>. Logo em 1940, a população da Marinha Grande prestou uma homenagem ao Poeta, sob a forma de uma procissão de crianças, agradecendo este legado. O Poeta viria a falecer em 25 de Janeiro de 1946, e a consumação do testamento só seria válida após a morte de sua esposa, D. Helena de Aboim Lopes Vieira. No entanto, por vontade expressa desta, iniciam-se imediatamente as diligências para transformar alguns anexos da casa em Colónia Balnear, tendo o arquitecto e amigo de longa data, Raul Lino, delineado um projecto de adaptação em conformidade com o traço arquitectónico original da casa, no seguimento da capela (já inaugurada em 12 de Agosto de 1929). Assim, e após alguns episódios, interessantes e mais ou menos caricatos, de financiamento das obras, no dia 1 de Agosto de 1949 inaugurava-se a Colónia Balnear Dr. Afonso Lopes Vieira, na casa de S. Pedro de Moel. Por vontade expressa da viúva, a casa não voltou a ser habitada após a sua morte, em 12 de Agosto de 1955, altura a partir da qual a Casa passa a estar à disposição do visitante, embora sem nunca ter tido estatuto de museu.

Seguiu-se um período mais ou menos obscuro, não documentado nos dados do Arquivo Municipal, com uma história por escrever, e só parcialmente recuperável através da memória de algumas pessoas ainda vivas, designadamente o Mestre Joaquim Correia, a Sr<sup>a</sup> D. Helena Barradas e a Sr<sup>a</sup> D. Helena, funcionária da Câmara Municipal da Marinha Grande e guardiã da Casa durante as últimas décadas do século XX. Nunca existiu um horário rígido de visita, e a Casa era esporadicamente visitada por quem manifestava intenção de o fazer, apenas durante a época balnear, período durante o qual a Colónia Balnear se encontrava em funcionamento. Pelo alto nível cultural alcançado e também pelo contributo para a divulgação turística da região, devem destacar-se os dois *Festivais de São Pedro de Moel*, de 1961 e 1966, organizados pelo Mestre Joaquim Correia e exemplo vivo de revivificação do património cultural, na esteira do bom gosto e do amor pela causa artística do próprio Lopes Vieira<sup>2</sup>.

Após a Revolução do 25 de Abril, a Casa terá sofrido algumas delapidações (muito menos do que se pensava, a julgar pela recuperação quase total que se conseguiu em 2005) e acabou por ser fechada ao público por manifesta incapacidade de controlo do recheio e por degradação acentuada do imóvel. Aliás, já entrado o século XXI, a própria Colónia Balnear deixa de receber crianças durante alguns anos, enquanto as obras de restauro não garantem a segurança do imóvel. A população da Marinha Grande nunca aceitou de bom grado esta situação, pois sentia ser a herdeira legítima de uma Casa legada pela mão amiga do Poeta.

---

<sup>1</sup> in *Diário de Lisboa*, 15 de Abril de 1939.

<sup>2</sup> Para uma descrição mais precisa destes dois festivais, bem como de outras iniciativas de homenagem e memória de Afonso Lopes Vieira, ver Nobre, 2003: 187-196.

No entanto, a figura do escritor Afonso Lopes Vieira, muito esquecida depois de 1974 e só episodicamente relembada por personalidades importantes da vida pública portuguesa (cf. Nobre, 2005, volume I), não tinha sido completamente esquecida e algumas iniciativas – culturais, académicas e turísticas – contribuíram para a devolver à actualidade. Em 2003, sob a égide do programa “Rota dos escritores do século XX”, projecto de dinamização e intervenção cultural e social concebido e desenvolvido pela Comissão de Coordenação da Região Centro, ligado na sua primeira fase aos eventos comemorativos de *Coimbra, Capital Nacional da Cultura*, organizou-se e criou-se uma exposição itinerante sobre Afonso Lopes Vieira<sup>3</sup>, e editou-se a monografia de Cristina Nobre, *Passeio sentimental de Afonso Lopes Vieira* (2003). A Casa-Museu Dr. João Soares, nas Cortes, comemorou os 125 anos do nascimento do seu patrono, organizando duas exposições – uma sobre aspectos da intimidade (Junho de 2003) e outra sobre a obra publicada (Outubro de 2003) – à volta de Afonso Lopes Vieira, nascido no mesmo ano do conterrâneo homem de leis. Este conjunto de actividades e produtos culturais despertou e alargou o interesse da comunidade pelo património material e imaterial referenciado.

O interesse e a curiosidade cultural do público por um espaço com tantas potencialidades museológicas, como a casa-barco, mas fechado – embora já tivesse sido sujeito a uma primeira fase de restauro das infra-estruturas, nomeadamente do telhado – fez com que, no Verão de 2004, a Câmara Municipal da Marinha Grande acedesse a vários apelos e autorizasse a abertura do espaço da Casa apenas para mostrar os 16 painéis constitutivos da Exposição itinerante da “Rota dos escritores do século XX”, gentilmente cedidos pela Câmara Municipal de Leiria. Com esta aproximação primitiva e rudimentar, deu-se, provavelmente, um dos primeiros passos para a consolidação e germinação de uma estrutura museológica a queurgia dar vida. Também o folheto do “Roteiro Cultural”, da responsabilidade da Região de Turismo Leiria-Fátima, *Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira* (2004), com textos de Cristina Nobre, pode ter contribuído para criar uma espécie de apetência cultural pelo usufruto público de um *lugar literário*, cada vez mais relacionado com uma atracção turística destacada<sup>4</sup>.

Com as obras de restauro e conservação da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira concluídas em 2005, estabelece-se um novo marco na história deste património material, iniciando-se um período de abertura ao usufruto cultural de um bem patrimonial que, por razões diversas, tinha

---

<sup>3</sup> Exposta na sala de exposições temporárias da Biblioteca Municipal de Leiria Dr. Afonso Lopes Vieira, entre 26 de Janeiro de 2003 e 16 de Fevereiro de 2003, com passagem pelos outros seis municípios implicados neste programa cultural com os escritores: Aquilino Ribeiro; Carlos de Oliveira; Eugénio de Andrade; Fernando Namora; Miguel Torga e Vergílio Ferreira.

<sup>4</sup> Não quero de modo algum menosprezar o papel dos meios de comunicação social neste movimento de enfoque na Casa de ALV, em S. Pedro de Moel, como um apetecível lugar com potencialidades de ligação ao turismo cultural. Várias entrevistas feitas a Cristina Nobre e artigos sobre a Casa foram publicados na imprensa periódica distrital durante os anos de 2000 a 2005. Devo destacar, pela sua importância cultural, o programa televisivo “Acontece” (RTP2), que transmitiu uma edição especial em 18 de Julho de 2000, sobre a Biblioteca Municipal de Leiria Dr. Afonso Lopes Vieira, com sugestivas imagens sobre a Casa e o abandono a que então se encontrava votada.

estado vedado ao público. As hipóteses múltiplas de participar em e contribuir para um desenvolvimento cultural sustentado da região são facilmente identificáveis e a atracção do turismo cultural por este tipo de *lugares literários* tem sido muito estudada nos últimos anos.

Se exceptuarmos o rei D. Dinis (1261-1325), culturalmente ligado ao *Pinhal de Leiria* ou *Pinhal d'el-rei D. Dinis* (como a tradição popular prefere chamar-lhe), ou Francisco Rodrigues Lobo (1573?-1622) (cf. André, 1995: 17-38), só a figura de Afonso Lopes Vieira alcançará dimensão nacional e europeia e se constituirá motivo de orgulho e afirmação cultural da região leiriense, onde nasceu em 26 de Janeiro de 1878, e onde passou algum do seu tempo mais produtivo em termos artísticos. Assim, a recuperação da casa-nau ou casa-barco (presente de casamento com D. Helena de Aboim do pai de Afonso Lopes Vieira, em 20 de Abril de 1902), como o escritor a baptizou, aparecia como o *lugar literário* por excelência, onde uma grande parte das suas obras foram sonhadas, pensadas, esboçadas, delineadas, escritas e reescritas até à publicação, com cuja edição nunca ficava satisfeito. Entendida como local de criação preferido do escritor, organismo quase-vivo de cuja pulsação o escritor necessitava para criar e até para dormir sem sobressaltos<sup>5</sup>, o coração da casa ficará ligado à varanda aberta sobre a praia e o oceano. Aí, mais propriamente no divã *tumular* (assim lhe chamava o Poeta), terá encontrado o ambiente inspirador para a sua poesia, sobretudo a de raiz marítima, aquela em que o mar pulsou ao ritmo do seu sangue.

Um grande número de personalidades ilustres da época foram visita desta Casa e chegaram mesmo a refugiar-se nela para as suas criações pessoais. Nomes como Leonor e Augusto de Castro Guedes Rosa, Virgínia Vitorino, Matilde Bensaúde, Aquilino Ribeiro, Vitorino Nemésio, Viana da Mota, Reinaldo dos Santos, José de Figueiredo, José Maria Rodrigues, Ivo Castro, entre muitos outros, contam-se entre alguns dos que usufruíram da hospitalidade marítima. O poeta comparou a serenidade própria do lugar a um sanatório de almas, através de uma cura de *contemploterapia*. Grande parte da intensa correspondência que manteve com a *inteligentzia* do seu tempo foi endereçada de S. Pedro de Moel, e contém variadas e profundas referências a este espaço mítico da sua criação poética<sup>6</sup>, como acontece na correspondência trocada com Leonor Rosa, em textos epistolares de excepcional qualidade, infelizmente ainda inéditos.

---

<sup>5</sup> O modo como Lopes Vieira vivia a sua transição de Lisboa para S. Pedro de Moel ficou muito bem descrito no excerto *Do Jornal de um Poeta*, publicado no jornal *A Lucta*, de 20 de Agosto de 1909. Leia-se apenas o seguinte excerto, onde a paisagem e a casa-nau são impressionistas pinturas da relação do homem com o meio: "Chego de Lisboa à praia e à floresta. Que expansão de encanto na minha alma! Logo que aqui estou, o meu verdadeiro ser apossa-se de mim, e tenho a satisfação singular de me começar a sentir, com meus defeitos e virtudes. § Isto está delicioso de solidão e silencio. Não há ainda a vulgaridade. Com que prazer vesti o meu velho fato e as polainas de couro roçadas do mato! Nós, nas cidades, afogámos as almas também com os nossos colarinhos. [...] § Hontem, à chegada, a própria luz teve para mim encantos de coisa inédita. A primeira surpresa, à sahida das cidades, é o crepúsculo. Há muitos mezes que eu não via anoitecer, e não via estrelas cuja intimidade é discreta e faz scismar. [...] § Só o mar, por enquanto, me inquieta, porque o oiço sempre... E a sua musica perturba-me como se eu habitasse dentro de um búzio." (*apud* Nobre, 2005, volume II: 386)

<sup>6</sup> Veja-se nas referências bibliográficas, o livro *...um longo ataque de melancolia mansa...* (Nobre 2001), com a edição da correspondência trocada com Artur Lobo de Campos, entre 1909 e 1945, onde a temática da casa, dos seus restauros e decoração, sobretudo exterior, é largamente tratada.

Assim, a Casa aparece metamorfoseada, ainda em vida de Lopes Vieira, não apenas como mais uma das suas criações, mas a criação suprema, o local genesiaco onde a oficina do escritor ganhou asas, e onde foi incrustando, ao longo dos anos, placas comemorativas do que julgava serem as suas melhores produções (por exemplo, o *Romance de Amadis*, em 1922, e *A Diana de Jorge de Montemor*, em 1924; o labor camoniano; o último livro de versos *Onde a terra se acaba e o mar começa*, de 1940), já para não mencionar os motivos marítimos com que decorou as janelas e a varanda, a ligação da capela ao mar, numa simbologia complexa da Casa que entrelaça a natureza marítima com a História de Portugal, a merecer um estudo aprofundado que possibilite a leitura da Casa como elemento bibliográfico fundamental para entender a estesia de Lopes Vieira.

## 2. A cultura como serviço: pensar o futuro dum *lugar literário*



Figura 2 – Afonso Lopes Vieira no eirado da sua Casa a tocar no órgão de búzios. Fotograma a partir de um filme do poeta, espólio de Mestre Joaquim Correia, não datada [c. 1930].

### S. Pedro de Muel, 1905

Chego de Lisboa à praia e à floresta. Que expansão de encanto na minha alma! Logo que estou aqui, o meu verdadeiro ser apossa-se de mim, e tenho a satisfação singular de me começar a sentir, com meus defeitos e virtudes. Isto está delicioso de solidão e silencio. Não ha ainda a vulgaridade. Com que prazer vesti o meu velho fato e as polainas de couro roçadas do mato! Nós, nas cidades, afogâmos as almas tambem com os nossos colarinhos. Ao genio grego conviria outra vestia que não fosse aquela, ampla e sobria, desembaraçando o ritmo do corpo? Hontem, à chegada, a propria luz teve para mim encantos de coisa inedita. A primeira surpresa, à sahida das cidades, é o crepusculo. Ha muitos mezes que eu não via anoitecer, e não via estrelas cuja intimidade é discreta e faz scismar. Acabei de arrumar os livros na estante, e notei ainda uma vez como elles adquirem uma personalidade muito mais intensa quando são poucos e estão connosco na *solidão acompanhada*. Assim, na gravura do grande Durer, os quatro livros fechados que S. Jerónimo tem na sua serena cela, onde o leão dormita, nos sugerem mais pensamentos que se o santo trabalhasse n'uma livraria. Ordenei a minha mesa, dependurei as gravuras na parede, e tenho como sempre uma grande pressa de sentir a casa povoada por esse vivo e harmonioso desarrumado, que deve ser a sua calma fisionomia. Só o mar, por emquanto, me inquieta, porque o oiço sempre... E a sua musica perturba-me como se eu habitasse dentro de um buzio.

Afonso Lopes Vieira, *Jornal de um Poeta* (in *A Lucta*, 20 de Agosto de 1909, p.1), *apud* Nobre, 2005, II: 386.

Se uma das linhas mestras da recuperação da Casa como espaço museológico, em 2005, foi a devolução, com o maior rigor e fidelidade possível, a um estado original anterior, isto é, o tempo em que Lopes Vieira habitava a casa e dispunha a orientação, dinâmica e enriquecimento do espaço com a sua sensibilidade de artista e eclético homem de cultura – objectivo que foi plenamente alcançado –, não existem hoje ilusões sobre a impossibilidade de regressar ao *tempo perdido* apenas através da materialidade espacial.

No entanto, a ideia de *peregrinações literárias* (Herbert, 2001: 312) nunca esteve tão em voga como nos nossos dias, e pode ser entendida como uma busca de diferentes formas de espiritualidade. Assim, o turismo cultural tem canalizado muita da procura turística cultural e intelectual para estes novíssimos *santuários literários*, ligados a um escritor e ao ambiente evocativo da sua obra. Os lugares literários deixam progressivamente de ser apenas acidentes históricos, lugares do nascimento, da criação artística ou da morte de um escritor, para passarem a construções sociais, criadas, amplificadas e promovidas para atrair visitantes.

A expectativa é a de que o *bem cultural*, no caso em apreço, literalmente uma herança de Lopes Vieira à edilidade da Marinha Grande, se transforme num *capital cultural*, capaz de exercer os papéis de pólo cultural da região e, de acordo com a oferta do turismo cultural, libertar meios de financiamento que continuem, por sua vez, a permitir a conservação, renovação e vitalidade do património existente. Percebemos que esta é uma lógica de sustentação e de auto-financiamento cada vez mais inflexível e arrebatadora nas modernas sociedades de consumo cultural, e aceitamos que a Casa-Museu ALV, em S. Pedro de Moel, não possa fugir eternamente a este modelo, sob pena de também o actual projecto museológico se transformar num túnel sem luz, aniquilado pela sua própria busca de pureza essencialista, que já deu mostras de fracasso e que se arrisca a fracassar novamente. Sem confundir a capitalização cultural de um local deste teor com uma mercantilização abusiva da herança patrimonial, que lesaria simultaneamente a memória do escritor-testamentário e a da população-herdeira – tarefa que deveria ser assegurada por um programa museológico<sup>7</sup> e um grupo ou uma comissão científica, com capacidade e autoridade para propor e promover uma agenda de eventos culturais em relação com os propósitos e objectivos definidores da Casa-Museu ALV e os interesses das diversas comunidades – proponho-me analisar os dados existentes até ao momento, para delinear uma projecção capaz de assegurar o futuro, esse sim sustentado, deste núcleo museológico.

---

<sup>7</sup> Ao programa museológico, que urge delinear, caberá a definição dos objectivos, vocação, eixos programáticos (tanto no que diz respeito à exposição como aos conteúdos) e áreas funcionais (tanto na cultura, como na educação ou na investigação, e ainda nos serviços) da Casa-Museu ALV. Este programa museológico será sempre da responsabilidade da Câmara da Marinha Grande, embora deva existir sintonia com o parecer da comissão científica.

## 2.1. O despontar de uma Casa-Museu



Figura 3 – Afonso Lopes Vieira na varanda da sua Casa (agora Casa-Museu), em S. Pedro de Moel. Fotografia do espólio da BMLALV, não datada [c. 1930].

[...] There are now many more literary places attracting a greater diversity of tourist types. Literary places are no longer accidents of history, sites of a writer's birth or death; they are also social constructions, created, amplified, and promoted to attract visitors (tourists hereafter). There are still literary pilgrims but those who visit such places out of curiosity and general interest rather than a single-minded sense of dedication outnumber them. [...]

HERBERT, David (2001) *Literary Places*, "Tourism and the heritage experience" in *Annals of Tourism Research*, volume 28, nº 2, p. 313.

O que foi já feito, afinal, em direcção ao caminho enunciado do *bem cultural* transformado em *capital cultural*? Na verdade, pouca coisa... E no entanto tanta coisa, e de grande qualidade, se realizou durante estes breves dois anos de vida da Casa-Museu.

No Verão de 2005, as tertúlias dedicadas à vida e à obra do escritor-patrono reuniram intelectuais e académicos destacados como os professores Aníbal Pinto de Castro, José Carlos Seabra Pereira, Carlos Ascenso André e Cristina Nobre, o crítico António Valdemar ou Joana Varela, directora da revista *Colóquio/Letras*, e personalidades ligadas à intimidade do poeta, como os seus dois afilhados mais próximos, Mestre Joaquim Correia e Sr<sup>a</sup> D. Helena Barradas. Estas tertúlias foram um convite a que a população, de forma informal, usufruísse da cultura do local e dos convidados, numa iniciativa rara no domínio das ofertas turísticas de praia em época balnear. Por gentil colaboração do engenheiro Adriano Monteiro, que cedeu

uma parte do seu espólio de bibliófilo, esteve patente, durante o Verão de 2005, uma exposição com uma selecção bibliográfica de primeiras edições de Afonso Lopes Vieira e alguns exemplares da imprensa da época com notícias e recortes sobre o escritor (exposição que se prolongou pelo Verão seguinte). Durante o mês de Agosto, produziu-se ainda *in loco* um documento audio-visual, com uma entrevista feita por Cristina Nobre ao Mestre Joaquim Correia sobre a história da Casa e de alguns dos valiosos objectos que fazem parte do espólio de S. Pedro de Moel (documento de trabalho ainda não concluído, que se espera seja de qualidade e um auxiliar fundamental para enriquecer o conhecimento sobre a memória deste espaço e de quem o habitou e frequentou). No passado mês de Setembro, a Casa-Museu ALV foi visitada por um grupo de cerca de 50 estudantes de diversas nacionalidades, ligados ao IPL [Instituto Politécnico de Leiria] pelo programa Erasmus, numa visita guiada com interpretação consecutiva em inglês, contribuindo assim para um alargamento cultural internacional.

Neste último Verão, outras tertúlias foram organizadas, desta feita com diversas temáticas, algumas delas em articulação com outras estruturas e instituições culturais da região, como a Casa-Museu Dr. João Soares, e o dinâmico grupo dos Serões Literários das Cortes, co-responsáveis pelo alargamento do âmbito de actuação cultural, incluindo-se o lançamento de livros de autores da região. A visita guiada dos estudantes/Erasmus voltou a fazer-se, com cerca de 40 estudantes, que levaram para os seus países a notícia e o espírito do local. Inaugurou-se em Julho uma exposição de fotografias inéditas de Afonso Lopes Vieira sobre a intimidade familiar e algumas das suas paisagens preferenciais, e editou-se o catálogo da exposição, intitulada *Impressões do olhar. Exposição de fotografia de Afonso Lopes Vieira [2006]*<sup>8</sup>.

Visto seja de que prisma for, tudo isto é, seguramente, imenso, apenas em dois verões e com o orçamento camarário a sustentar toda a estrutura de apoio, uma vez que as entradas na Casa-Museu ALV são gratuitas, a formação feita aos monitores, em Julho de 2005, por Cristina Nobre foi graciosa, e só o catálogo da exposição de fotografia esteve à venda. A fonte de receitas da Casa-Museu tem estado, pois, limitada à dotação orçamental da edilidade da Marinha Grande para a Cultura, dotação influenciada pela política cultural de cada um dos executivos da tutela. No entanto, os dados recolhidos nestes dois anos, e gentilmente cedidos pela Câmara Municipal da Marinha Grande<sup>9</sup> no âmbito do tratamento estatístico dos núcleos museológicos, depois de analisados, permitem-me fazer algumas projecções promissoras para o futuro.

---

<sup>8</sup> A publicação deste catálogo, da responsabilidade da Câmara Municipal da Marinha Grande, coordenado por Catarina Carvalho, contou com a colaboração de Cristina Nobre, Helena Barradas, Joaquim Correia e Adriano Monteiro. No dia da inauguração, juntamente com o catálogo, foi distribuída uma cópia fac-similada do artigo da *Ilustração Portuguesa*, de 1909, "Photographia Moderna – com clichés inéditos do auctor", sobre as experiências fotográficas de Afonso Lopes Vieira.

<sup>9</sup> Estes dados foram obtidos com a colaboração da Dr.<sup>a</sup> Catarina Carvalho, responsável pela Casa-Museu ALV, a quem agradecemos pessoalmente toda a disponibilidade manifestada desde o início para o tema desta comunicação, assim como as importantes correcções que as suas observações permitiram incluir na redacção do texto final.

Reunimos numa tabela, a seguir incluída, as informações recolhidas em 2005 e 2006 na Casa-Museu ALV, em S. Pedro de Moel, com os seguintes itens: visitas diárias de portugueses e estrangeiros; visitas totais de adultos e de crianças; horário preferencial (dia e hora); venda de catálogos.

**Tabela dos visitantes e horários preferenciais da casa-museu Afonso Lopes Vieira, em S. Pedro de Moel, em 2005 e 2006**

Meses	Visitas diárias (portugueses)	Visitas diárias (estrangeiros)	Total de Visitas	Total de Visitas (adultos)	Total de Visitas (crianças)	Horário Preferencial (dias e horas)	Venda do Catálogo
<b>JULHO de 2005 (de 11 a 31)</b>	729	83	812	666	146	sábado e domingo 15h-18h	
<b>AGOSTO de 2005 (de 1 a 28)</b>	1250	64	1314	1131	183	quinta-feira, sábado e domingo 15h-18h	
<b>SETEMBRO de 2005 (fins-de-semana e feriados)</b>	369	16	385	342	43	15h-18h	
<b>OUTUBRO de 2005 (fins-de-semana e feriados)</b>	158	5	163	151	12	14h30-17h30	
<b>NOVEMBRO de 2005 (fins-de-semana e feriados)</b>	101	12	113	93	20	domingo 14h30-16h30	
<b>JULHO de 2006 (de 8 a 30)</b>	864	29	893	793	100	terça, quarta, quinta-feira 15h-18h	22
<b>AGOSTO de 2006</b>	1010	51	1061	945	116	dias de semana, sábado e domingo 15h-18h	32
<b>SETEMBRO de 2006</b>	621	13	634	564	70	sábado e domingo 15h-18h	15

**OBS.:** Os estrangeiros são oriundos dos seguintes países: **Alemanha; Bélgica; Brasil; Canadá; Dinamarca; Espanha; EUA; Finlândia; França; Holanda; Inglaterra; Irlanda; Itália; Polónia.**

A análise dos números evidencia que o mês de Agosto é o mês com mais afluência de visitantes (1.314 pessoas em 2005 e 1.061 em 2006), e que no mês de Setembro o número de visitas quase duplicou entre 2005 (385) e 2006 (634), o que o transforma num mês com imensas potencialidades para a realização de eventos culturais. No mês de Julho aumentou ligeiramente a afluência de visitantes (de 812 visitantes em 2005 para 893 em 2006). A menor

afluência de visitantes em Outubro e Novembro de 2005 (respectivamente, 151 e 93), em que o horário da Casa-Museu se limitou aos fins-de-semana e feriados, não parece ser suficiente para justificar a decisão de encerramento durante o período não estival, pois a comparação percentual com os meses de Verão, em que se encontrava aberta todos os dias (excepto à 2ª feira) indica que a afluência de visitantes é constante, indiciando a vantagem clara de uma abertura diária, mesmo no Inverno, como se verifica actualmente, entre as 13h e as 18h, excepto à segunda-feira. Além disso, a possibilidade de visitas excepcionais poderem ser realizadas através de marcação prévia, pode sempre contribuir para alargar este número, sem grande investimento por parte da instituição da Câmara da Marinha Grande, uma vez que a estrutura de apoio às visitas guiadas já foi montada e encontra-se a funcionar em pleno<sup>10</sup>.

O número total de visitas de crianças é uma revelação importante, que abre perspectivas direccionadas para vertentes educativas, pedagógicas, didácticas e lúdicas a não desperdiçar. Assim, comparando a percentagem de adultos e de crianças, verifica-se que esta oscila, para todos os meses em análise, entre os 10% e os 20% do total de visitantes. Uma vez que os dados são apenas numéricos, não havendo inquéritos sobre os motivos destas visitas, é difícil adivinhar as motivações das crianças, que podem fundamentar-se apenas no simples acompanhamento dos pais ou adultos. No entanto, a sua presença significativa justificaria, por si só, que o projecto de intervenção cultural da Casa-Museu ALV incluísse um programa especificamente destinado aos mais jovens, no cumprimento de uma função educativa e cultural estruturante, com potencialidades referenciadas pelas instituições educativas e nas áreas de desenvolvimento pessoal, social e cultural da infância e juventude. Um programa específico para este tipo de visitantes poderia delinear-se em clara articulação com a estrutura da Colónia Balnear, aproveitando sinergias existentes e procurando rentabilizar as ofertas culturais.

Os dados analisados estão também categorizados por escalões etários entre os adultos – até 20 anos; de 21 a 40 anos; de 41 a 60 anos; mais de 61 anos – e embora não tenham sido acompanhados por inquéritos qualitativos quanto às motivações dos visitantes (numa combinação analiticamente mais produtiva), são suficientes para concluir que as faixas etárias dos 21 aos 40 e dos 41 aos 60 anos estão entre as que contribuem com mais visitantes<sup>11</sup>. Trata-se do escalão etário com mais pessoas activas e com maior mobilidade, o que pode justificar o afluxo. Seria necessário cruzar estes dados com habilitações, áreas de emprego, nível económico, ocupação dos tempos livres, entre outros, para podermos atribuir significados

---

<sup>10</sup> É preciso não esquecer que, durante o Verão, as visitas guiadas são asseguradas por jovens colocados ao abrigo do POC, que não possuem, na sua esmagadora maioria, qualquer formação sobre este espaço museológico. Seria necessário investir na formação específica destes elementos, que constituem uma riqueza fundamental para a qualificação dos serviços prestados, como aconteceu, por exemplo, na visita guiada do dia 2 de Setembro de 2006, aos estudantes estrangeiros do programa Erasmus do IPL.

<sup>11</sup> Embora para o item dos visitantes estrangeiros idêntico tratamento dos dados tenha sido efectuado, a fraca incidência dos números foi insuficiente e, por isso, ignorada por esta análise.

concludentes. No entanto, a presença de grupos de maiores de 61 anos, por exemplo, no mês de Julho de 2005 e de 2006, pode ser um indicador de uma área de trabalho a explorar, com grupos deste escalão etário e instituições de apoio à terceira idade, já que o delinear de um programa cultural especificamente destinado aos mais velhos, com sessões desdobradas de formação sobre o escritor e a obra literária, a casa e a capela enquanto espaços museológicos, a ligação a diversas memórias e contextualizações históricas, é passível de uma concretização a curto prazo, atribuindo à Casa-Museu uma função social importantíssima na área de formação ao longo da vida, especificamente direccionada para a terceira idade.

Quanto ao horário preferido, a aglomeração dos visitantes durante a parte da tarde poderá sugerir a hipótese de um horário mais reduzido, sem com isso prejudicar substancialmente a afluência do público ao espaço museológico. Talvez fosse até possível delinear um projecto em que o horário da manhã ficaria apenas disponível para as visitas guiadas para escolas e outros grupos, destinando-se algumas manhãs ao cumprimento do programa das actividades culturais para a infância e juventude.

As visitas diárias de visitantes estrangeiros constituem um item muito importante, pois permitem pensar na divulgação internacional deste espaço e projectar a constituição de protocolos com espaços museológicos internacionais de idêntico teor, partilhando assim projectos culturais e educativos para além das fronteiras geográficas. Na verdade, a percentagem de estrangeiros pauta-se entre os 2% e os 10% em relação às visitas de portugueses, com maior incidência nos meses de Verão<sup>12</sup>. Além disso, os 14 países representados evidenciam possibilidades muito diversas de colaboração e intercâmbio, embora o predomínio de franceses, espanhóis e ingleses justifique a primazia que lhes possa ser dada. Quanto ao item da venda de catálogos da exposição fotográfica *Impressões do olhar*, tendo em consideração que foi feita uma tiragem de 500 exemplares (200 para oferecer e 300 para vender), o número de vendas não é desprezível, pois representa já 23% da edição, e deve fazer equacionar a questão da comercialização de bibliografia relacionada com a Casa-Museu. Até ao momento, apenas o folheto artesanal do *Roteiro da Exposição*, com textos de Cristina Nobre, distribuído graciosamente na inauguração, foi especificamente pensado para este espaço museológico, encontrando-se esgotado. Sente-se, claramente, a necessidade de uma monografia sobre a Casa-Museu ALV<sup>13</sup>, ou, pelo menos, e com uma urgência premente, de um catálogo completo que inventarie, classifique e estabeleça redes de ligação com o espólio deste núcleo museológico – tesouro patrimonial em grande parte ainda desconhecido porque ignorado – que continua à espera de um estudo rigoroso de registo e avaliação.

---

<sup>12</sup> Deve notar-se que as duas visitas dos estudantes do programa Erasmus, durante o mês de Setembro de 2005 e de 2006, não se encontram contabilizadas nos registos camarários, uma vez que foram consideradas visitas excepcionais.

<sup>13</sup> Não por falsa modéstia, mas por não me parecer que as minhas obras de 2001, 2003, 2004 e 2005, mencionadas nas referências bibliográficas, correspondam exactamente à área metodológica de interesse museológico da Casa-Museu ALV, não referimos esta bibliografia recentemente publicada sobre Afonso Lopes Vieira.

## 2.2. O serviço cultural da Casa-Museu ALV



Figura 4 – Desenho de Luís M. Gaspar (2006), para acompanhar “Homenagem a Afonso Lopes Vieira”, com o poema *Lenda da Vela* in *PRELO*, 1, Jan.-Abril de 2006, p.107.

[...] Cultural attractions have also played a leading role in cultural policy and in efforts to promote cultural development. For example, the UNESCO *World Decade for Cultural Development* (1988-1997) emphasized the importance of conserving cultural heritage as a means not only of stimulating economic development but also promoting identity and cultural diversity. The report draws parallels between cultural heritage and nature conservation. [...] It seems that the combination of nostalgia for the past, the need to reassert national and local identities and the perceived economic benefits of cultural development have had a dramatic effect on the supply of cultural attractions. [...]

RICHARDS, Greg (2001) *The development of Cultural Tourism in Europe*, CAB International 2001. Cultural Attractions and European Tourism, pp. 5-6.

Ainda que incipiente, esta análise autoriza-me a tirar algumas conclusões animadoras para o futuro da Casa-Museu ALV, a fazer algumas previsões temerárias e a desejar a maior prudência e bom senso com os desígnios futuros deste *capital cultural*.

Os dois anos analisados justificam um clima de optimismo sobre o papel cultural desempenhado até ao momento actual e as potencialidades de se desenvolverem, no futuro, novas actividades de interesse social e cultural para a comunidade local e global. Ainda que a

transformação passe por uma ligação às ofertas do turismo cultural, de modo a permitir uma fonte de financiamento que parta da consolidação da estabilidade presente para projectos futuros mais ambiciosos, entre os quais se poderão contar alguns dos aqui sugeridos – o futuro parece ser auspicioso<sup>14</sup>. Sem um projecto de crescimento sustentado, a Casa-Museu ALV arrisca-se, em minha opinião, a soçobrar no pó dum espólio riquíssimo, mas que a ignorância e a falta de tratamento e de meios impedem de ser activamente colocado ao serviço da memória e da cultura comunitária, como património capaz de despertar sentimentos identitários. Tudo isto requer uma prudência maior que a dos desejos humanos de poder e afirmação e bom senso capaz de distinguir práticas turísticas enriquecedoras do património cultural e turismo desgastante, consumista e descartável, mancha e ruína de uma clara afirmação das identidades culturais.

Com o justo peso destas palavras, desejo intensamente que a Casa de Afonso Lopes Vieira – o homem que nela viveu intensos momentos de criação artística, a sua literatura, o mar e o pinhal que amou – possa continuar a ser dos nossos melhores bens culturais, estimada ainda quando transformada em marco cultural, por acção das boas práticas de um turismo responsável e íntegro e de uma oferta de serviços de qualidade. Uma boa capacidade de programação e dinamização da Casa-Museu Afonso Lopes Vieira poderá transformá-la, num futuro próximo, num importante pólo turístico-cultural da região. O avançado e eclético homem de cultura que foi Afonso Lopes Vieira concordaria com esta perspectiva: sem vida cultural projectada no presente e direccionada para o futuro, com ofertas culturais e educativas de qualidade, mesmo os espaços repletos de memória podem entrar em decadência acelerada. Mudam-se os tempos e é preciso ter coragem para mudar as vontades. Só assim a memória do passado chegará ao futuro intacta e com capacidade para gerar novas vidas no complexo processo cultural sem o qual não há humanidade.

---

<sup>14</sup> Não havendo qualquer estudo nesse sentido, parto do princípio optimista de que, por exemplo, a compra de bilhetes não afectaria substancialmente o fluxo (lá atrás prefere afluxo) de visitantes, e que algum *merchandising* poderia ser pensado e vendido para garantir receitas próprias à Casa-Museu ALV. Apesar de não poderem ter fins lucrativos, os museus debatem-se com enormes preocupações com a sua sustentabilidade financeira e devem procurar receitas que permitam custear a sua própria actividade cultural.

### Fontes

Dados estatísticos recolhidos pela Câmara Municipal da Marinha Grande relativos às Visitas Diárias à Casa-Museu Afonso Lopes Vieira, em S. Pedro de Moel, entre Julho e Novembro de 2005 e Julho e Setembro de 2006. [documentação camarária, gentilmente cedida pela C.M. da Marinha Grande]

### Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Carlos Ascenso (1995) "Terra de Poetas: Leiria e a Literatura de outrora" in *II Colóquio sobre História de Leiria e da sua Região. Actas. I volume*, Câm. Municipal de Leiria, Leiria, pp. 17-38.

**Festival de São Pedro**, 12 de Agosto de 1961, com o patrocínio da Câmara Municipal da Marinha Grande e da Fundação Calouste Gulbenkian.

**II Festival de São Pedro de Moel**, 13 de Agosto de 1966, com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal da Marinha Grande.

GONÇALVES, Alexandra Rodrigues (2003) *A componente cultural do Turismo Urbano como oferta complementar ao produto "sol e praia". O caso de Faro e Silves*, ed. GEPE e IFT, Lisboa.

HERBERT, David (2001) *Literary Places*, "Tourism and the heritage experience" in *Annuals of Tourism Research*, volume 28, nº 2, pp. 312-333.

NOBRE, Cristina (2001) edição de: ... *um longo ataque de melancolia mansa... Correspondência de Afonso Lopes Vieira para Artur Lobo de Campos (1909-1945)*, Câmara Municipal de Leiria, ed. Magno, Leiria.

\_\_\_\_ (2003) *Passeio Sentimental de Afonso Lopes Vieira*, Rota dos Escritores do século XX, Câmara Municipal de Leiria e da Marinha Grande, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra.

\_\_\_\_ (2003a) "Os Lugares da Escrita em Afonso Lopes Vieira" in *Lugares da Escrita. 22 Novembro 2003 / 22 Janeiro 2004*, Catálogo da Exposição da Rota dos Escritores do Século XX, Pavilhão Centro de Portugal, Coimbra, pp. 19-23.

\_\_\_\_ (2003b) "Afonso Lopes Vieira: o esteta assumido" in *Afonso Lopes Vieira. In Memoriam*, Roteiro da exposição "O ano de todas as comemorações. 1878-2003", Casa Museu / Centro Cultural João Soares, Cortes, Junho, pp. 3-12.

\_\_\_\_ (2003c) "Afonso Lopes Vieira. A Obra Publicada (em livro e dispersa)" in Roteiro da exposição bibliográfica sobre Afonso Lopes Vieira — "O ano de todas as comemorações. 1878-2003", Casa Museu / Centro Cultural João Soares, Cortes, Outubro, pp. 3-32.

\_\_\_\_ (2004) *Passeio nas terras de Afonso Lopes Vieira*, Roteiro Cultural, Região de Turismo Leiria-Fátima, Leiria, sd. [2004].

\_\_\_\_ (2005) *Afonso Lopes Vieira. A Reescrita de Portugal*, volume I e *Inéditos*, volume II, colecção temas portugueses, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2005.

\_\_\_\_ (2005a) "O esteta de si-mesmo. Afonso Lopes Vieira" in Revista *Clube do Coleccionador*, CTT Correios de Portugal, Lisboa, Junho 2005, pp. 4-6.

PINTO, A. Arala (1938-39) *O Pinhal do Rei. Subsídios*, volume I e II, Alcobaça.

PRISTA, Luís (1992) "5. Afonso Lopes Vieira" in *Para a edição do Guia de Portugal*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, dissertação de mestrado, policopiado, pp. 143-69.

RICHARDS, Greg (2001) *The development of Cultural Tourism in Europe*, CAB International 2001. Cultural Attractions and European Tourism.

\_\_\_\_ (2004) *Nuevos caminos para el turismo cultural?*, Association for Tourism and Leisure Education (ATLAS), Observatório Interarts, Barcelona.

VIEIRA, Afonso Lopes (1927), "**MOSTEIRO DE ALCOBAÇA**" e "**PINHAL DE LEIRIA E S. PEDRO DE MOEL**" in *Guia de Portugal. 2º volume Estremadura, Alentejo, Algarve*, "Biblioteca Nacional de Lisboa", Lisboa, pp. 612-26 e 648-52.

\_\_\_\_ (1942), [NDG] *NOVA DEMANDA DO GRAAL*, Livraria Bertrand, Lisboa.

\_\_\_\_ (1944) "**O MONUMENTO DE FRANCISCO RODRIGUES LÔBO**" e "**LÁPIDA CAMONEANA**" in Livro do *I Congresso das Actividades do Distrito de Leiria*. 23 a 26 de Setembro de 1943, Obra subsidiada pelo Instituto para a Alta Cultura, Lisboa, pp. 38-40.